

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III ENCONTRO DE NUMISMATAS. MOEDA ROMANA A ILUMINAR UMA VILA AGRÍCOLA. ARREIGADA, PAÇOS DE FERREIRA.**

DINIS, Manuel Vieira

Ano: 1981 | Número: 91

---

### **Como citar este documento:**

DINIS, Manuel Vieira, Notícias da Actividade Cultural. III Encontro de Numismatas. Moeda romana a iluminar uma vila agrícola. Arreigada, Paços de Ferreira. *Revista de Guimarães*, 91 Jan.-Dez. 1981, p. 388-390.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Moeda romana a iluminar uma villa agrícola

(Arreigada — Paços de Ferreira)

Por MANUEL VIEIRA DINIS

«... não se deve esquecer o nome do insigne investigador Martins Sarmiento, companheiro e émulo de Alberto Sampaio, nas peregrinações nortenhas pela descoberta do passado escondido, onde repousa o segredo das origens, que eles, em tão boa hora desvendaram».

FRANZ — PAUL — LANGHANS

A pequenina moeda de que vou tratar — pecinha leveira, delgada, mas nítida no relevo do rosto e reverso — andou por lá aos tombos, nuns leirós de Arreigada, propriamente no bravio de Cimo de Vila ou Outeiro da Vela, nas vizinhanças do Penedo da Senhora. Naturalmente que se fatigou, adormeceu, e num dia chegado a nós, depois de chuvada torrencial, voltou a mirar-se na luz de que tantas recordações guardava. E não admira... Até nós por aqui andamos, como os Reis do Oriente, à procura de uns raios que nos iluminem em todo o sentido.

Interveniente uma rapariguinha, após o roço de umas tojeiras deu com os olhos na moeda escura esverdinhada, e sorriu: era mais um brinquedo. E não lhe perdera o sentido. Um tio solteirão com quem vivia, aconselhou-a a metê-la no migalheiro. Dinheiro chama dinheiro.

Era atilada a moça. Quando casou, viu crescido o punhado de moedas. Atenção presa nuns pintos de ouro lembrança do tio. Nada como ter um tio rico!

Aconteceu-me palestrar com a dotada, já com oitenta anos em queda, pedindo ajuda a um bordão, em descanso num rebordo do quintal, muito desconfiada da minha visita. Trenga das pernas, coitada, para ir em busca da moeda... Compreende-se... Muito mal... Perfeito espírito, minhoto, videirinho... O genro, para mais, andava

ocupado com a vindima lá na funda, junto ao rio... Só à noite voltaria com as baças, tralha e mulhério rogado.

A boa da velhota deu-me, porém, a esperança de eu poder contar com a moeda para estudo. Não a vendia nem por nada... Já o Arlindo da Barroca se freimara por consegui-la.

Dias depois achei-me com uma neta na Vila, e por esta soube que o numisma apresentava o perfil de Constâncio, e isso me alegrou pois me adiantava o período da emissão (ano 361 d. C.), época distante e derradeiros tempos do Império Romano. O trio Constantino, Constante e Constâncio mais parecera uma sucessão irónica. Filosoficamente o mandante Juliano, primo daqueles, e à cautela nomeado César, dera uma risada sintomática.

Mas não percamos o sentido ou virtude da moedinha que, ao fim e ao cabo, permitira a minha presença neste douto auditório ou de numismatas, apesar de tão faladas inflações.

Em próximo trabalho ocupar-me-ei com a devida profundidade, longe de manta de tiras como hoje posso e devo chamar a este arranjo escrevinhado.

Vem de 1963 a ideia de rasgar-se uma estrada rural, na trilha do velho caminho que serpenteava do Fundo de Vila a Cerqueda, através do Outeiro da Vela e actual Cimo de Vila. Os topónimos neste caso são iluminuras de feição.

A juntar à festejada moedinha, algumas mós manuais, uma vasilha de tipo castrejo, fragmentos de tijoleira e de grandes telhas.

Então, em Cimo de Vila, a picareta, acabou por deixar a nu uns retalhos de pavimento, com tijolo romano, expressivo, bem brunido, classificado de bom gosto pelo dr. Adriano Vasco Rodrigues.

Esta revelação suscitou interferência do Ministério da Educação, mas depois tudo ficou em nada... A Câmara Municipal prometeu que ao pavimentar-se a nova via, seria a primeira a dar eco de qualquer espólio... Mas já Santo António se queixa de muita promessa vã...

Ainda bem que nas proximidades tive a sorte de vir a reconhecer (em 1966) umas lagaretas romanas, ainda presentemente conservadas e defendidas pelo dono da bouça, onde se podem admirar. Destas lagaretas me ocuparei, oportunamente com largo estudo. Não me

custa acreditar que ali existira uma *vila urbana* com seus anexos para os *servir e a frutuária*. Alberto Sampaio, o historiador das instituições rurais, reserva a conjunto sagrários (como este) preciosas considerações.

Para finalizar, apenas uma referência que julgo de valia, isto é, não deixar esquecido o *Penedo da Senhora*. O lendário envolve-o carinhosamente. O penedo não sai de lá para Nossa Senhora descansar, sempre que queira tomar um arzinho... A Virgem nunca tivera grande predilecção pelo altete do Vinhal, na outra encosta para lá do rio... No *Seu penedo* lá se encontra o bercinho para o Menino, a malguinha e um preguiceiro para dormirem a sesta...

Falaram-me de uma *cidade morta*... É caso para repensar. E escabichar... — como se diz por estes sítios.

Trindade (Meixomil) — PAÇOS DE FERREIRA